

GUERRA / Numa das maiores cidades da região, está a concentração de desalojados que procuraram ali um local seguro. Pela primeira vez, Israel utilizou inteligência artificial para identificar túneis inclusive um que seria da ONU

Mais ataques a Gaza ameaçam 1,3 milhão

Said Khatib/AFP



Rafah sofre fortes bombardeios e ameaça civil, enquanto autoridades internacionais temem impactos

O Hamas, grupo radical islâmico, alertou ontem contra a ofensiva terrestre israelense em Rafah que pode deixar “dezenas de milhares de mortos e feridos”. O local é o último refúgio para os palestinos deslocados pela guerra no território. Há relatos de bombardeios nos arredores da cidade, onde vivem 1,3 milhão de palestinos — metade da população total da Faixa de Gaza.

Pela primeira vez, o Exército israelense utilizou uma nova tecnologia militar baseada na inteligência artificial (IA), que serve principalmente para impedir ataques e localizar os túneis subterrâneos do movimento islamista palestino Hamas. A IA ajuda o Exército israelense a mapear a vasta rede de túneis subterrâneos do Hamas em Gaza, informou uma fonte à AFP.

O Exército e o serviço de segurança interna de Israel afirmaram ter descoberto um túnel do Hamas sob a sede da Agência das Nações Unidas para os Refugiados Palestinos (UNRWA) na Cidade de Gaza. Israel acusa a UNRWA de estar “totalmente infiltrada pelo Hamas”.

Em um comunicado, o Hamas, que governa a Faixa de Gaza desde 2007, advertiu que está em curso “uma catástrofe e um massacre que poderia levar a dezenas de milhares de

mártires e feridos”. Também informou que responsabilizaria “a administração dos Estados Unidos, a comunidade internacional e a ocupação israelense” pelas consequências.

“Forçar mais de um milhão de palestinos deslocados em Rafah a evacuar (a cidade) novamente sem encontrar um lugar seguro para onde ir seria

ilegal e teria consequências catastróficas”, disse Nadia Hardman, especialista em direitos de migrantes e refugiados da ONG Human Rights Watch.

O Ministério da Saúde do Hamas informou que houve 110 mortes entre sexta-feira e sábado. Também relatou “combates intensos” no hospital Nasser em Khan Yunis,

no sul do território, onde uma pessoa morreu. Há 300 funcionários, 450 feridos e 10 mil desalojados no local.

Outro lado

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, pediu aos militares que elaborem um “plano combinado” para a

Palestina que pediu ajuda é encontrada morta

Redes sociais

A menina palestina Hind Rajab, 6 anos, e a família foram encontradas mortas ontem. Há 12 dias, eles tentavam fugir de carro, quando tanques israelenses dispararam contra o automóvel. Ela telefonou para os paramédicos pedindo ajuda. No caminho, os dois paramédicos foram mortos. A menina desapareceu. O corpo foi encontrado ao lado dos parentes também mortos perto do posto de gasolina Fares, na área de Tal Al-Hawa, a sudoeste da cidade de Gaza. Hind Rajab sobreviveu a princípio, como evidenciado pelo telefonema que fez para sua família. Mas depois não houve mais notícias sobre a criança.



“evacuação” de civis de Rafah e a “destruição” do Hamas na cidade. “É impossível alcançar o objetivo da guerra sem eliminar o Hamas e deixar quatro batalhões do Hamas em Rafah”, disse o líder. Para isso, é necessário que “os civis evacuem as zonas de combate”, acrescentou.

Alemanha, Arábia Saudita, Jordânia e Espanha

demonstraram preocupação com a ofensiva. Os Estados Unidos avisaram que não apoiam a operação. Egito e Catar tentam estabelecer a “calma na Faixa de Gaza” e uma troca de reféns nas mãos do Hamas por prisioneiros palestinos em Israel. A guerra em Gaza matou mais de 1.160 pessoas, a maioria civil, segundo a Agência France Press.

EL SALVADOR

Tribunal estende prisão de 403 líderes

Sob a política do presidente recém-eleito Nayib Bukele, de El Salvador, que anunciou uma guerra às gangues e milícias, a Justiça determinou a permanência na prisão até 2025 de 403 líderes da Mara Salvatrucha (MS-13). Eles são acusados de 907 casos de desaparecimento de pessoas, extorsão, tráfico de armas e pessoas, além de rebelião contra o sistema democrático.

Paralelamente, o regime de exceção no país — quando o Executivo se torna mais forte do que o Judiciário e o Legislativo — foi prorrogado no Congresso. No momento há, no país, presos 77.300 suspeitos, dos quais 7 mil foram liberados por serem inocentes. Em meio às medidas, Bukele é cobrado pela família de um ex-assessor de segurança nacional dele, que morreu

sob custódia do Estado. Os parentes exigem explicações sobre a morte de Alejandro Muyschondt e afirmam que ele foi vítima de tortura.

Há menos de uma semana, Nayib Bukele obteve mais de 85% dos votos, e avisou ter “pulverizado a oposição” ao conquistar 58 das 60 cadeiras do Parlamento. O publicitário, de 42 anos, afirma ter dizimado

as gangues e transformado o país no local “mais seguro do Hemisfério Ocidental”, com 2,4 assassinatos para cada 100 mil habitantes em 2023.

Organizações de defesa dos direitos humanos, como a Anistia Internacional e a Human Rights Watch denunciam detenções arbitrárias, tortura e mortes na prisão. O governo Bukele nega qualquer tipo de arbitrariedade.

Marvin Recinos/AFP



Presidente reeleito Nayib Bukele lança ação contra as gangues

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

ILEGALIDADE NA AMÉRICA LATINA

A criminalidade é um sistema próprio, alimentado por sistemas políticos e econômicos que não geram as condições sociais necessárias para seu próprio sustento, nem asseguram os valores que tornam possível o sucesso de toda a população do país. A criminalidade toma emprestada a frustração como energia ruim criada pelo fracasso da confiança, da fé e da esperança no trabalho, no emprego, na educação, na mobilidade social, na distribuição da riqueza e na credibilidade das instituições do Estado. E acolhe ou sequestra os restos humanos que a economia incapacitou e estão espalhados por aí. Um mundo de pessoas cujo destino não foi atenuado nem

por políticas sociais de redução das más consequências da economia, nem bem orientado diante de valores da religião, educação e da ética — desprovidas de sinceridade.

O Estado e a sociedade na América Latina não param para pensar e fingem que não engolem o caos de uma patologia que se instalou. As redes de comércio ilegal estão cada vez mais fortes e sem controle externo. Na região, deixam um rastro de violência, descontrole e degradação por todos os lados, incapazes de vislumbrar a forma de salvar a economia legal dos inimigos que ela provoca. O fato é que vivemos uma era turbulenta e indomável, de fracasso do

papel dos intelectuais inovadores, das entidades filantrópicas, das instituições civis. Um tempo que exacerbava os problemas que não consegue tratar e que convive com pobres permanentes, incapaz de ajudar a maioria a viver decentemente. Tempo de uma política que quer mudar o mundo sem compreendê-lo e uma justiça elitista, que não corresponde à realidade econômica e social dos países.

Hora de reler e refletir com o escritor e pesquisador Moisés Naím, autor de uma das melhores introduções ao tema. Seu livro *Ilícito*, publicado em 2006, é um clássico sobre o funcionamento do mercado negro e seus desafios à economia e à sociedade globais. Naím, que é venezuelano e foi diretor executivo do Banco Mundial, alertava em seu livro que “nas próximas décadas, as atividades das redes internacionais de tráfico e seus associados terão um impacto muito mais profundo do que

é comumente imaginado nas relações internacionais, estratégias de desenvolvimento, promoção da democracia, negócios e finanças, migrações, segurança global, e guerra e paz”.

Na Colômbia, o governo de Gustavo Petro tem tido grande dificuldade de alcançar um almejado estado de paz no país. Seus esforços de conversa e conciliação com grupos armados para que abandonem a ilegalidade e a violência têm sido alvo de antipatia popular. A percepção é a de que grupos armados estejam escalando seus atos de violência para negociar a partir de uma posição de força com o governo.

O Paraguai, apesar de menos violento do que outros vizinhos latino-americanos, tem uma relação umbilical com o comércio ilegal. Estima-se que 11% do cigarro contrabandeado do mundo seja produzido no país. O Paraguai produz 20 vezes mais cigarros do que o consumido no próprio país e grande parte

do excedente cruza as fronteiras como contrabando.

Os cartéis de drogas aterrorizam o México há décadas. O crime corrompe e atemoriza autoridades para que deixem passar suas atividades ilegais. Cerca de 90% das armas apreendidas no México são originárias dos EUA. Estimativas acerca da lucratividade do comércio ilícito são imprecisas e sofrem grande variação, mas acredita-se que cerca de US\$ 25 bilhões originados nos EUA são lavados anualmente no México.

O triângulo norte da América Central, região composta por Guatemala, Honduras e El Salvador, tem sido notícia nos últimos anos pela violência endêmica e a falta de oportunidade para seus cidadãos. São celeiros de imigrantes desesperados.

O Brasil, vira e mexe, aparece como número um do mundo em homicídios intencionais em dados brutos; em muitas cidades, o crime está mais presente

do que a polícia. Em dados per capita, El Salvador já foi um dos primeiros do mundo, tendo chegado a 103 por cada 100 mil habitantes em 2015. De lá para cá, os números vêm caindo ano após ano. Em 2022 chegou a um número abaixo de oito por 100 mil habitantes. Essa melhora sustenta a popularidade do recém-reeleito Nayib Bukele. Todavia, Bukele é apontado como péssimo exemplo em termos de condução democrática.

Toda história das atividades ilegais tem duas faces: uma é a da oferta e a outra é a da demanda. Somente olhando para ambas com atenção é que é possível compreender o fenômeno. Existem políticas consagradas e desgraçadas para lidar com cada uma dessas faces, e autoridades de igual tipo em situações similares: não conseguem reagir à altura ao maior concorrente da lei e da ordem.

PAULO DELGADO, sociólogo